



## O MELRO

O melro, eu conheci-o:

Era negro, vibrante, luzidio,

Madrugador, jovial;

Logo de manhã cedo

Começava a saltar, d'entre o arvoredó,

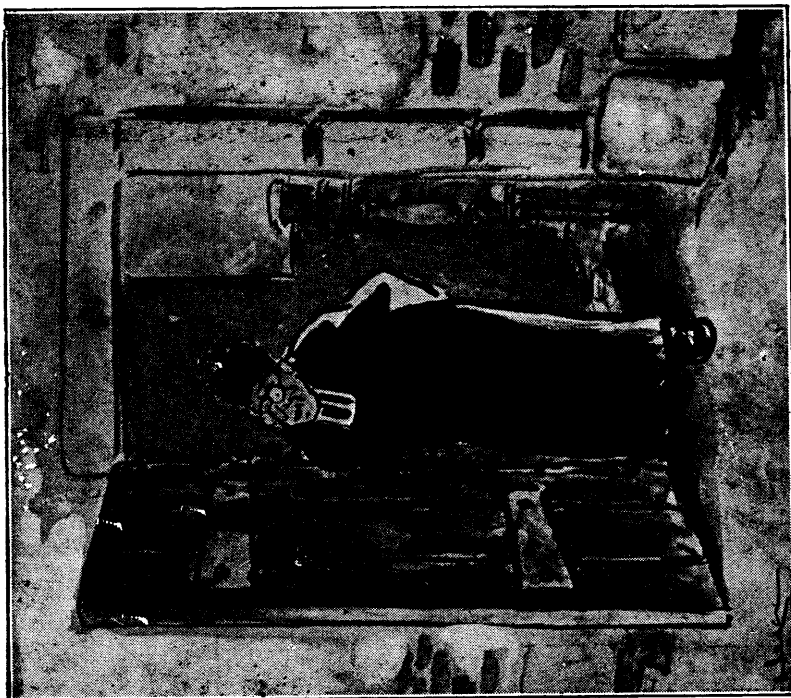
Verdadeiras risadas de cristal.

E assim que o padre cura abria a porta

Que dá para o passal,

Repicando umas finas ironias,

O melro, d'entre a horta,



E assim que o padre cura abria a porta  
Que dá para o passal....

Dizia-lhe : « Bons dias ! »  
 E o velho padre cura  
 Não gostava daquelas cortesias.

O cura era um velhote conservado,  
 Malicioso, alegre, prazenteiro ;  
 Não tinha pombas brancas no tenado,

Nem rosas no canteiro :

Andava às lebres pelo monte, a pé,  
 Livre de reumatismos,  
 Graças a Deus, e graças a Noé.

O melro desprezava os exorcismos

Que o padre lhe dizia :

Cantava, assobiava alegremente ;

Até que ultimamente

O velho disse um dia :

« Nada, já não tem jeito ! este ladrão  
 Dá cabo dos trigais ! »

Qual seria a razão

Porque Deus fez os melros e os pardais ? ! »



« Nada, já não tem jeito ! este ladrão  
 Dá cabo dos trigais ! »

E o melro, no entretanto,  
 Honesto como um santo,  
 Mal vinha no oriente  
 A madrugada clara,  
 Já êle andava jovial, inquieto,  
 Comendo alegremente, honradamente,  
 Todos os parasitas da seara  
 Desde a formiga ao mais pequeno insecto,  
 E a-pesar disto, o rude proletário,  
 O bom trabalhador,  
 Nunca exigiu aumento de salário.

Que grande tolo o padre confessor !

Foi para a eira o trigo ;  
 E, armando uns espantalhos,  
 Disse o abade consigo :  
 « Acabaram-se as pênas e os trabalhos. »  
 Mas logo de manhã, maldito espanto !  
 O abade, inda na cama,

Ouvindo do melro o costumado canto  
 Ficou ardendo em chamma ;  
 Pega na caçadeira,  
 Levanta-se dum salto,  
 E vê o melro, a assobiar, na eira,  
 Em cima do seu velho chapéu alto »

Chegou a coisa a térmo  
 Que o bom do padre cura andava enférmo ;  
 Não falava nem ria,  
 Minado por tam íntimo desgosto ;  
 E o vermelho oleoso do seu rosto  
 Tornava-se amarelo dia a dia.  
 E foi tal a paixão, a desventura,  
 (Muito embora o leitor não me acredite)  
 Que o bom do padre cura  
 Perdera . . . o apetite !

Andando no quintal, um certo dia,  
Lendo em voz alta o *Velho Testamento*,  
Enxergou por acaso (que alegria!

Que ditoso momento!)  
Um ninho com seis melros, escondido  
Entre uma carvalheira.

E ao vê-los exclamou enfurecido :

« A mãe comeu o fruto proibido ;  
Esse fruto era a minha sementeira :  
Era o pão, e era o milho ;  
Transmitiu-se o pecado.

E, se a mãe não pagou, que pague o filho,  
É doutrina da Igreja. Estou vingado ! »

E, engaiolando os pobres passaritos,  
Soltava exclamações :

« É uma praga. Malditos !

Dão-me cabo de tudo êstes ladrões !



Chegou a coisa a t rmo  
Que o bom do padre cura andava enf rmo . . .



6 E engulando os pobres passaritos ..

Raios os partam! andai lá que enfim...»

E deixando a gaiola pendurada,  
Continuou a ler o seu latim,  
Fungando uma pitada.

o  
\*  
o

Vinha tombando a noite silenciosa :

E café por sobre a natureza  
Uma serena paz religiosa,

Uma bela tristeza

Harmónica, viril, indefinida.

A luz crepuscular

Infiltra-nos na alma dolorida

Um misticismo heróico e salutar.

As árvores, de luz inda doiradas,

Sobre os montes longínquos, solitários,

Tinham tomado as formas rendilhadas

Das plantas dos herbários.

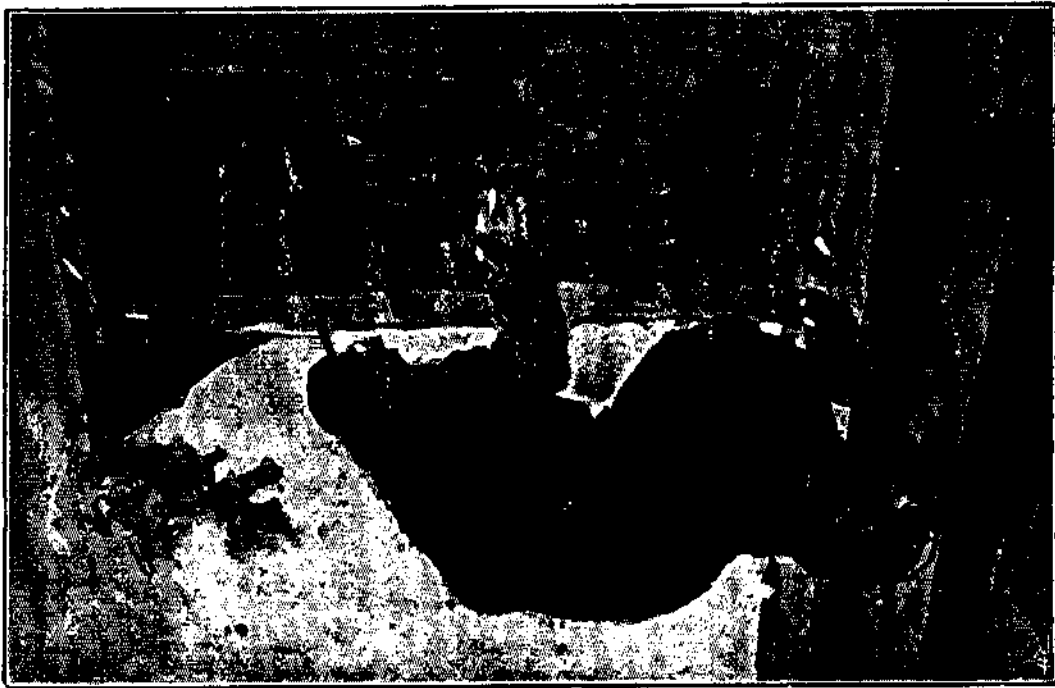
Recolhiam-se a casa os lavradores.  
 Dormiam virginais as coisas mansas :  
 Os rebanhos e as flores,  
 As aves e as crianças.

Ja subindo a escada o velho abade ;  
 A sua negra, atlética figura  
 Destacava na frouxa claridade,  
 Como uma nódoa escura.  
 E, introduzindo a chave no portal,  
 Murmurou entre dentes :

\*Tal e qual ... tal e qual ! ...  
 Guizados com arroz são excelentes.\*

\*  
 \* \* \*

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos  
 Tinham o brilho meigo, aveludado,  
 Do sorriso dos mártires, dos justos.  
 Um eflúvio dormiente e perfumado  
 Embebedava as seivas luxuriantes.



E, introduzindo a chave no portal,  
 Murmurou entre dentes ...

Tódas as forças vivas da matéria  
Murmuravam diálogos gigantes

Pela amplidão etérea.

São precisos silêncios virginais,

Disposições simpáticas, nervosas,

Para ouvir estas falas silenciosas

Dos mundos vegetais.

As orvalhadas, frescas espessuras

Presentiam-se quasi a germinar.

Desmaivam-se as cárdidas verduras

Nos magnetismos brancos do luar.

.....  
.....

•

•

E nisto o melro foi direito ao ninho,

Para o agasalhar, andou buscando

Umhas penugens doces como arminho,

Um feltritoso assetinado e brando.

Chegou lá, e viu tudo.

Partiu como uma frecha ; e, louco e mudo,

Correu por todo o matagal ; em vão !

Mas eis que solta de repente um grito

Indo encontrar os filhos na prisão.

« Quem vos meteu aqui ? ! » O mais velho

Todo tremente, murmurou então :

« Foi aquele homem negro. — Quando veio,

Chamei, chamei ... Andavas tu na horta ...

Ai que susto, que susto ! Ele é tão feio ! ...

Tive-lhe tanto medo ! ... Abre esta porta,

E esconde-nos debaixo da tua asa !

Olha, já vão florindo as acucenas ;

Vamos a construir a nossa casa

Num bonito lugar ...

Ai ! quem me dera, minha mãe, ter pênas

Para voar, voar ! »

E o melro alucinado

Clamou:

« Senhor ! Senhor !

É porventura crime ou é pecado

Que eu tenha muito amor

A estes inocentes ? !

Ó natureza, ó Deus, como consentes

Que me roubem assim os meus filhinhos,

Os filhos que eu criei !

Quanta dôr, quanto amor, quantos carinhos,

Quanta noite perdida

Nem eu sei . . .

E tudo, tudo em vão !

Filhos da minha vida

Filhos do coração ! ! . . .

Não bastaria a natureza inteira,

Não bastaria o céu para voardes,

E prendem-vos assim desta maneira ! . . .

Covardes !

A luz, a luz, o movimento insano,

Fis o agulhão, a fé que nos abraza . . .

Encarcerar a asa

É encarcerar o pensamento humano,

A culpa tive-a eu ! quasi á noitinha

Parti, deixei-os sós . . .

A culpa tive-a eu, a culpa é minha,

De mais ninguém ! . . . Que atroz !

E eu devia sabê-lo !

Eu tinha obrigação de adivinhar . . .

Remorso eterno ! eterno pesadelo ! . . .

.....

Falta-me a luz e o ar ! . . . Oh, quem me dêra

Ser abutre ou ser fera

Para partir o cárcere maldito ! . . .

E como a noite é límpida e formosa !

Nem um ai, nem um grito . . .

Que noite triste ! oh noite silenciosa ! . . .»

•  
•

E a natureza fresca, onnipotente,

Sornia castamente

Com o sorriso alegre dos heróis.



Nas sebes orvalhadas,  
Entre fólhas luzentes como espadas,  
Cantavam rouxinóis.

Os vegetais felizes  
Mergulhavam as sófregas raízes  
A procurar na terra as seivas bóas,  
Com a avidez e as raivas tenebrosas  
Das pequeninas feras vigorosas  
Sugando à noite os peitos das leas.  
A lua triste, a lua merencória,  
Desdémoma marmórea,  
Rolava pelo azul da imersidade,  
Imersa numa luz serena e fria,  
Branca como a harmonia,  
Pura como a verdade.

E entre a luz do luar e os sons e as flores,  
Na atonia cruel das grandes dores,  
O melro solitário  
Jazia inerte, exânime, sereno,  
Bem como outrora a mãe do Nazareno  
Na noite do calvário ! . . .

Segundo o seu costume habitual,  
Logo de madrugada



Jazia inerte, exânime, sereno,  
Bem como outrora a mãe do Nazareno  
Na noite do calvário ! . . .

O padre-cura foi para o quintal,  
Levando a bíblia e sobraçando a enxada.

Antes de dizer missa,  
O velho abade inevitavelmente  
Tratava da hortaliça  
E rezava a Deus Padre Omnipotente  
Vários trechos latinos,  
Salvando desta forma, juntamente,  
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando :

-- Olé !

Dormiram bem ? ... Estimo ... ;  
Eu lhes darei o mimo,  
Canalha vil, grandíssima ralé !  
Então vocês, seus almas do diabo,  
Julgavam que isto que era só dar cabo  
Da horta e do pomar,  
E o bico alegre e estômago contente,  
E o camelo do cura que se aguenta,  
Que engrole o seu latim e vá bugiar ! ...  
Grandes larápios ! Era o que faltava



Logo de madrugada  
O padre-cura foi para o quintal ...

Vocês irem ao milho,

E a mim mandar-me à fava !

Pois muito bem, agora que vos pilho

Eu vos ensinarei, meus safardanas !

Vocês são mariolões, são ratazanas,

Tem bico, é certo, mas não tem tonsura . .

E, nas manhas, um melro nunca chega

Às manhas naturais dum padre-cura.

O melhor vinho que encontrar na adega

É para hoje, olé ! . . . Que bambochata !

Que petisqueira ! Melros com chouviço ! . . .

E então a Fortunata

Que tem um dedo e um geito para isso ! . . .

Hei-de comer-vos todos um a um,

Lambendo os beijos, com tal gana enfim,

Que comendo-vos todos, mesmo assim

Eu fico ainda quasi que em jejum !

E depois de vos ter dentro da pança,

Depois de vos jantar,

Vocês verão como o velhote dança,

Como éle é melro e sabe assobiar ! . . . \*

Mas nisto o padre cura, titubante,

Quasi desfalecendo,

Atônito de horror, parou diante

Dêste drama estupendo :

O melro, ao ver aproximar o abade,

Despertou da atonia,

Lançando-se fúrico contra a grade

Do cárcere. Torcia,

Para os partir os ferros da prisão,

Crispando as unhas convulsivamente

Com a fúria dum leão.

Batalha inútil, despêro ardente !

Quebrou as garras, depenou as asas

E alucinado, exangue,

Os olhos como brasas,

Herói febril, a gotejar em sangue,

Partiu num vôo arrebatado e louco,

Trazendo, dentro em pouco,

Prêso do bico, um ramo de veneno.

E belo e grande e trágico e sereno,

Disse :

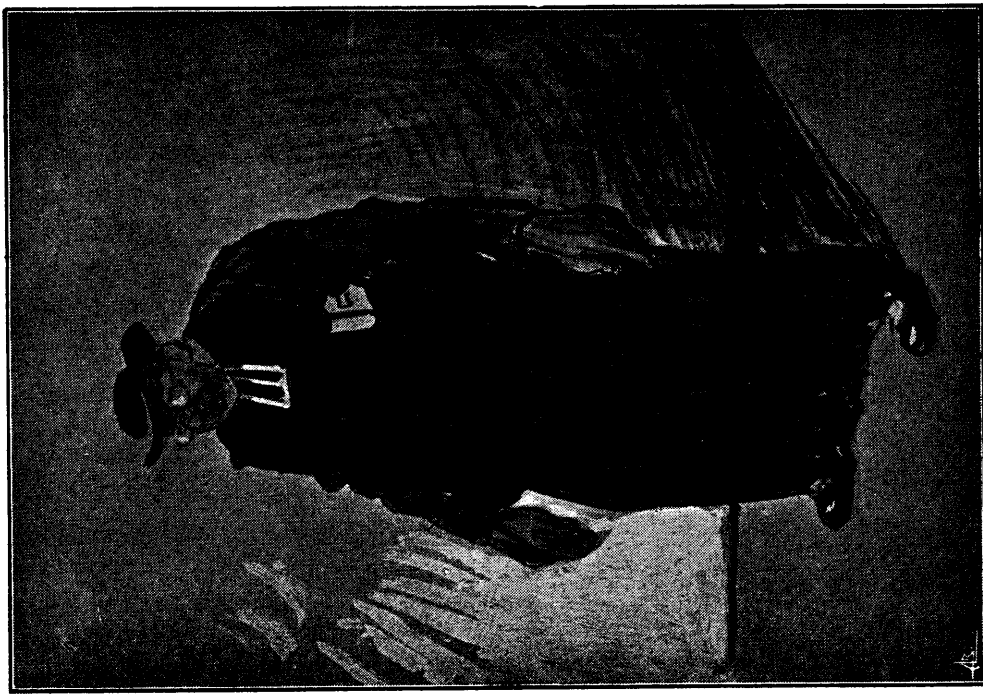
Meus filhos, a existência é boa  
Só quando é livre. A liberdade é a lei,  
Prende-se a asa, mas a alma voa . . .  
Ó filhos, voemos pelo azul ! . . . Comei ! » —

E mais sublime do que Cristo, quando  
Morreu na cruz, maior do que Catão,  
Matou os quatro filhos, trespassando  
Quatro vezes o próprio coração !  
Soltou, fitando o abade, uma pungente  
Cargalhada de lágrimas, de dôr,  
E partiu pelo espaço heróicamente,  
Indo cair, já morto, de repente  
Num carcavão com silveirais em flor.

E o velho abade, lívido d'espanto,

Exclamou afinal :

« Tudo que existe é imaculado e é santo !  
Há em toda a miséria o mesmo pranto  
E em todo o coração há um grito igual.



. . . . . lívido de espanto,  
Exclamou afinal :  
« Tudo que existe é imaculado e é santo !

Deus semeou d'almas o universo todo.

Tudo o que vive ri e canta e chora . . .

Tudo foi feito com o mesmo lódo,

Purificado com a mesma aurora.

Ó mistério sagrado da existência,

Só hoje te adivinho,

Ao ver que a alma tem a mesma essência,

Pela dôr, pelo amor, pela inocência,

Quer guarde um beço, quer proteja um ninho !

Só hoje sei que em tóda a criatura,

Desde a mais bela até à mais impura,

Ou numa pomba ou numa fera brava,

Deus habita, Deus sonha, Deus murmura ! . . .

.....

Ah, Deus é bem maior do que eu julgava . . .

E ficou silencioso. O velho mundo,

Das suas crenças antigas, num momento,

Viu-o sumir exausto, moribundo,

Nos abismos sem fundo

Do temeroso mar do Pensamento.

E chorou e chorou . . . A Igreja, a Crença,

Rude montanha, pavorosa, escura,

Q.e enchia o globo com a sombra imensa

Dos seus setenta séculos d'altura ;

O Himalaia de dogmas triunfantes,

Mais eternos que o bronze e que o granito,

Onde aos profetas Deus falava dantes,

Entre raios e nuvens trovejantes,

Lá dos confins sidérios do infinito ;

Esse colosso enorme, em dois instantes

Viu-o tremer, fender-se e desabar

Numa ruína espantosa,

Só de tocar-lhe a asa vaporosa

Duma avesinha trémula, a expirar ! . . .

.....

.....

E, arremessando a bíblia, o velho abade

Murmurou :

« Há mais fé e há mais verdade,

Há mais Deus com certeza

Nos cardos sécos dum rochedo nu

Que nessa bíblia antiga . . . Ó Natureza,

A única bíblia verdadeira és tu ! . . . »

✘ ✘



..... «O Natureza,  
A única bíblia verdadeira és tu!...»

NOTA

O facto em que se baseia este poemeto, conquanto pouco conhecido, é absolutamente verdadeiro.

Os melros e algumas outras aves, como os pintassilgos e os rouxinóis, quando lhes encarceram os filhos, envenenam-nos. Muitas vezes, (sarcasmo trágico, crueldade sublime!) deixam-no-os vivos, arrancam-lhes a língua!

Ora nem todos os melros, pintassilgos e rouxinóis assassinam os filhos, quando lhos prendem. Só o fazem os mais extraordinários, os mais heróicos. O que nos demonstra que a acção é livre e responsável, e não um simples produto duma fatalidade orgânica.

É pena que Michelet ignorasse esse facto. Que páginas divinas que elle não teria escrito! *L'Oiseau* ficou incompleto.